

Como Um Cristão Deve Entender o Papel do Governo?

Charles Colsonⁱ

O Cristianismo não traz somente a grande benção da salvação; ele está relacionado com todas as áreas da vida. “Jesus é Senhor” foi a primeira confissão batismal. As Escrituras recomendam assumir o domínio e cultivar o solo (Gn 1), e ser sal e luz (Mt 5.13-16). Abraham Kuyper, ex-primeiro ministro holandês e teólogo disse: “Não há uma polegada quadrada, em todo o domínio da existência humana, sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não clame “Meu!”.

Nenhuma área de envolvimento cultural é mais importante do que a do governo e da política. Nós somos instruídos a nos submeter às autoridades do governo (Rm 13); o próprio Jesus disse: “Daí, pois, a César o que é de Cesar” (Mt 22.21). Isso significa que os cristãos devem ser bons cidadãos, pagar impostos, obedecer às leis e servir (quando convocados) no governo. Agostinho afirmou que os cristãos devem ser os melhores cidadãos: nós fazemos, por amor a Deus, aquilo que os outros fazem apenas porque a lei exige.

Como o governo é ordenado por Deus, para preservar a ordem e fazer justiça, nós somos instruídos a honrar o rei (1Pe 2.13-17) e orar pelos que estão na autoridade, para que possamos viver vidas pacíficas (1Tm 2.1-22). A única coisa pior do que o mau governo é a anarquia.

As autoridades são estabelecidas por Deus, disse Paulo. Por conseguinte, João Calvino concordou que o cargo de magistrado tinha uma das mais importantes funções em qualquer sociedade – a de trabalhar como um servo, para o bem (Rm 13.4). Há um nobre chamado para os cristãos: o serviço público. Contrariamente as caricaturas comuns dos políticos, alguns dos mais excelentes funcionários públicos que eu já conheci são sérios crentes que vivem a sua fé no seu cargo sem comprometer as suas convicções.

O mandamento Cultural significa que a igreja tem um importante papel a desempenhar com respeito as estruturas política – trabalhando pela justiça, falando profeticamente, e com frequência sendo a consciência da sociedade, mesmo quando isso significa perseguição, prisão ou morte, como significou para muitos na igreja confessa na Alemanha nazista. Embora Tenha havido ocasiões em que a igreja falhou nesta responsabilidade, graças a Deus hoje ela está em seu posto, a voz mais forte na sociedade norte-americana, em defesa da vida e dos direitos humanos. A igreja também é o instrumento que, nesta era de terrorismo, conserva profeticamente o governo nos limites morais da tradição da guerra justa. Embora na América do Norte observamos uma rígida separação entre igreja e estado (o estado não deve estabelecer uma igreja estatal, nem restringir o livre exercício de religião), nunca deveria haver uma separação entre a religião e a vida pública. As questões públicas precisam de influencia religiosa; na verdade, a fé cristã desempenhou um papel crucial ao moldar as nossas instituições. As doutrinas da reforma, como, por exemplo, a soberania das esferas (o governo não governa sozinho; todas as estruturas – a família, a igreja, as associações privadas – tem responsabilidades ordenadas), e o governo, possibilitaram a democracia liberal do Ocidente. Os nossos Pais Fundadores respeitaram as “leis da natureza e o Deus da natureza”, reconhecendo que sem um consenso moral que se baseie na tradição judaico-cristã, a virtude não poderia ser mantida, e o autogoverno fracassaria. O famoso historiador Will Durant escrevi que não poderia encontrar nenhum caso na história em que uma nação sobrevivesse sem código moral, e nem um caso em que o código moral não fosse informado pela verdade religiosa.

Mas a igreja deve abordar o seu papel público com cautela e sensatez. Em minha opinião, os pastores e outros lideres da igreja, por exemplo, nunca deveriam declarar apoio a partidos políticos ou a candidatos (pois em meu modo de ver, essa atitude pode dividir as nossas fileiras e politizar a nossa fé) ou permitir que sejam controlados por algum partido

político. Dito isto, o pastor nunca deve hesitar em falar corajosamente, do púlpito, sobre assuntos morais.

Há perigos claros ao se lidar com a política. Entre os meus deverem, como conselheiro especial do Presidente Nixon, estava a tarefa de conquistar o apoio de grupos especiais. Encontrei líderes religiosos facilmente impressionados com as armadilhas do cargo. E posteriormente, observando de fora, eu vi líderes cristãos sucumbir diante das seduções. Aqui há uma linha tênue. Houve um erro durante a maior parte do século XX: os evangélicos separaram-se da política. Mas também é errado que nos casemos com um partido político.

Os cristãos, individualmente, e em organizações, devem engajar-se no processo político, preservando sempre a sua independência, e cumprindo o ofício profético (que pode significar responsabilizar os amigos). Embora os cristãos devam ser os melhores cidadãos, a nossa primeira lealdade não deve ser dedicada ao homem, mas ao reino de Deus.

ⁱ Charles Colson faleceu no dia 21 de Abril de 2012, mas durante a sua vida teve grande destaque na política norte americana, sendo um dos destaques no escândalo do Watergate. Foi preso devido a participação, e lá se converteu ao cristianismo, após ler “O Cristianismo Puro e Simples” de C.S.Lewis. Estava condenado a três anos de prisão, mas conseguiu sair sobre condicional ao cumprir sete meses, e após a saída começou a dedicar o seu tempo a trabalhos sociais e espirituais a presidiários, criando a maior instituição do mundo na parte social – a Prison Fellowship Ministries. A entidade ajuda tanto presidiários como ex-presidiários em 113 países.

Para maiores informações da morte de Charles Colson entre no link a seguir (<http://www.jesuscomigo.com.br/noticias/ler/677/apologista-charles-colson-falece-aos-80-anos.html>)